

Úrsula

Maria Firmina dos Reis

AMOSTRA

TORDESILHAS



SUMÁRIO

O ventre que pariu a literatura brasileira é negro VII	O derradeiro adeus 105
Prólogo XIII	Foge! 113
Duas almas generosas 15	O cemitério de Santa Cruz 117
O delírio 27	O regresso 125
Declaração de amor 35	O convento de *** 133
A primeira impressão 47	O comendador Fernando P. 137
A entrevista 55	Túlio 153
A despedida 63	A dedicação 159
Adelaide 67	O despertar 169
Luíza B. 75	A louca 173
A preta Susana 87	Epílogo 179
A mata 95	Sobre a autora 185
	Cronologia 189

O VENTRE QUE PARIU A LITERATURA BRASILEIRA É NEGRO



OUSADIA TALVEZ SEJA O ADJETIVO QUE MELHOR CONTEMPLE Maria Firmina dos Reis. Entretanto, é imperativo voltar o olhar para ela e seu contexto social, se quisermos entender a obra que aqui se desenrola. Foi graças à *Úrsula* que a autora logrou o título de primeira romancista abolicionista brasileira e, provavelmente, a de primeira mulher a publicar no Brasil.

Talvez você se pergunte por que esta literatura não está entre o rol dos clássicos na educação básica, tampouco é leitura obrigatória nos vestibulares. Para enfrentar essa questão, precisamos admitir que o apagamento é uma mácula reservada às intelectuais negras no nosso país! E é por isso que, além de falar da obra, inicio prestando as honras para a autora. O faço, espelhando o movimento que a cosmovi-são africana nomeia como “sankofa”, ou seja, volto meu olhar para trás, antes de seguir em frente. Neste ponto, já sabemos: lembrar

a história é imprescindível para que ela não se perca e os erros não prosperem! Assim, preciso enfatizar que esta obra desenha os primeiros passos de uma escritora negra, de narrativa afiada e politicamente engajada. De uma mulher que precisou defender não somente a sua escrita, mas a própria identidade!

Nascida em São Luís do Maranhão, em 11 de março de 1822, Maria Firmina foi filha e neta de negras alforriadas. Mesmo com paternidade incerta, muda-se ainda criança para a casa de uma tia rica, na Vila de São José dos Guimarães, onde estabelece os primeiros contatos com as referências culturais maranhenses e, graças a seu autodidatismo, interessa-se pela literatura. Também é assim que ganha proximidade com seu tio, Sotero dos Reis, homem branco e popular gramático da época.

Em 1847, Firmina é aprovada em um concurso e se torna professora primária no município de Viamão; oportunidade em que seu tom crítico à escravidão não fica para trás! Maria Firmina se recusa a desfilar por São Luís nas costas de negros escravizados, em razão de sua posse, e protesta dizendo que esses “não eram bichos para levar pessoas montadas neles”. Assombrosamente, sua sinceridade não objetou sua carreira! Na verdade, a atuação como professora lhe concedeu respeito e relevância social, além de possibilitar seu sustento, em uma época na qual mulheres não tinham autonomia.

Nessa entoada, podemos adicionar tranquilamente à lista de qualidades da autora a *articulação* e a *vanguarda*! Firmina também possuía grande circulação na imprensa local, e publicou poesia, ficção, crônica e até charadas. Além de atuar como folclorista e musicista, conquistando reconhecimento na preservação cultural e literária do seu estado.

Transcorrem-se cerca de doze anos até a publicação de *Úrsula*, em 1859. E como nesta obra ela semeia as primeiras notas do que seria a abolição — movimento que só veio ganhar corpo no Brasil, durante a década de 1880 —, precisaremos adentrar no contexto histórico do país.

Sendo uma escritora do século XIX, Maria Firmina não só bebeu da fonte, como também contribuiu para o desenvolvimento do Romantismo brasileiro — corrente literária caracterizada pelo forte sentimento de nacionalidade. Nada mais natural, visto que ela nasceu em um país independente, mas ainda com sua economia pauperizada na escravidão. São contradições sociais que ela sentia na pele! Até que, em 1850, a Lei Eusébio de Queiroz foi promulgada e o tráfico de escravos se tornou proibido. Dessa maneira, a pauta antiescravista despontou e os escritores brasileiros encontraram terreno fértil para narrar sobre este país a partir das óticas negra e indígena. É como José de Alencar converge com Maria Firmina. Ambos filhos de uma mesma época e, ao seu modo, alimentando o Romantismo com atrevimento, idealização e, principalmente, a faculdade de fazer *política!*

Tendo isso em mente, podemos apresentar *Úrsula* como uma parte de *nossa história*. Uma alegoria que Maria Firmina usou para retratar a realidade, tendo como estrela-guia a *liberdade*. Sim, porque só quando *todos* vivenciam a liberdade é que podemos nos constituir cidadãos de *uma mesma nação*:

Senhor Deus, quando calará no peito do homem a tua sublime máxima — ama a teu próximo como a ti mesmo —, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante, àquele que também era livre no seu país, àquele que é seu irmão?! [*Úrsula*, p. 21]

É interessante observar que a autora fez questão de marcar a dissonância entre a liberdade experienciada na África e a submissão imposta aos negros no Brasil, pelos personagens Túlio e Suzana. Semeia, assim, a flâmula da abolição, antes mesmo da promulgação de leis fundamentais para essa conquista, como a Lei do Ventre Livre (1871), a Lei dos Sexagenários (1885) e, por fim, a Lei Áurea (1888).

Oh, a mente! Isso sim ninguém a pode escravizar! Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África (...) [Úrsula, p. 32]

Em um capítulo inteiramente dedicado à preta Suzana, temos uma descrição detalhada sobre o tráfico negreiro e as condições nas quais essas pessoas raptadas chegavam ao Brasil, como podemos observar nestes pequenos fragmentos:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura, até que abordamos às praias brasileiras. [Úrsula, p. 92]

É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim, e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! [Úrsula, p. 95]

Vemos, então, que a vanguarda se apresenta até mesmo na escolha de dar voz aos oprimidos. Afinal, os personagens escravizados são preenchidos com subjetividades e valores, *como pessoas* dotadas de personalidade, diferentemente do que eram consideradas no campo fático. Mesmo que secundários, os personagens negros possuem papel relevante na trama e relação afetiva com os protagonistas — estes sim, brancos, e que também enfrentavam os próprios dilemas associados à liberdade. Úrsula e Tancredo precisam lutar para viver um amor, e são constantemente testados pelas convenções sociais, que de alguma forma os aprisionam.

Além disso, podemos observar que a autora incorpora ao caráter heroico (característica comum do Romantismo) dos protagonistas uma postura piedosa perante a condição de escravidão, de modo que o “vilão” é aquele que mais impõe castigos a seus serviçais, enquanto os “mocinhos” tratam os negros com dignidade!

Enfrentadas as chagas históricas com *ousadia*, *articulação* e *vanguarda*, podemos destacar ainda o bucolismo no enredo, que neste romance apresenta as belezas naturais do Maranhão, e descreve minuciosamente as manhãs, as noites ou o clima:

Expandem-se nos o coração quando calcamos sob os pés a erva reverdecida, onde gota a gota o orvalho chora no correr da noite esse choro alente, que se pendura da folhinha trêmula, como a lágrima de uma virgem sedutora que, arrancada do coração pelo primeiro gemer da saudade, se balança nos longos cílios. Depois vem a ardência do sol, e bebe o pranto noturno, e murcha a flor, que enfeitiçava a relva, porque o astro, que rege o dia, reassumiu toda a sua soberania; mas ainda assim os campos são belos e majestosos! [*Úrsula*, p. 17]

Temos aqui, portanto, um clássico do Romantismo brasileiro que avança nos problemas sociais com bastante originalidade, mas também entretém com sua trama e encanta com sua narrativa! É uma história de amor para arrancar suspiros com suas reviravoltas, seus mocinhos e vilões. Uma obra que, além do racismo, discute as questões de gênero e revela os tantos ideais da autora.

Afinal, além de abolicionista, Maria Firmina também lutou pelo direito das mulheres. Em 1880, ostentando o título de mestra régia, ela criou a primeira escola mista para crianças — uma instituição em que meninos e meninas podiam estudar gratuitamente. Tal feito gerou debates intensos, em um contexto no qual mulheres quase não tinham direitos. A escola teve de fechar suas portas, mas abriu caminho para os ideais de Nísia Floresta, escritora considerada pioneira na educação feminista brasileira. Nísia viveu o século XIX de Maria Firmina. Seus ensaios e obras que defendiam a emancipação feminina e a igualdade de direitos entre homens e mulheres são constantemente associados à autora. Mas não foi a única a se inspirar nos passos da maranhense, porque Júlia Lopes de Almeida é outro nome

que deu continuidade aos ideais abolicionistas e, ainda, ajudou a fundar a Academia Brasileira de Letras — ABL.

A política e a literatura convergem na vida de Maria Firmina dos Reis. Ela sonhou há dois séculos e, com certeza, foi esteio para tantas outras escritoras negras e nordestinas da atualidade. Em *Úrsula*, podemos acessar o prenúncio do grandioso legado desta autora. Fazer ecoar a sua voz é reafirmar o poder da literatura feminina brasileira.

Mariana Madelinn

Poeta e escritora de ficção especulativa

AMOSTRA

PRÓLOGO



MESQUINHO E HUMILDE LIVRO É ESTE QUE VOS APRESENTO, LEITOR. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume.

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo.

Então, por que o publicas? — perguntará o leitor.

Como uma tentativa, e mais ainda, por este amor materno que não tem limites, que tudo desculpa — os defeitos, os achaques, as deformidades do filho — e gosta de enfeitá-lo e aparecer com ele em toda a parte, mostrá-lo a todos os conhecidos e vê-lo mimado e acariciado.

O nosso romance gerou-o a imaginação, e não o soube colorir, nem aformosentar. Pobre avezinha silvestre, anda terra a terra, e nem olha para as planuras onde gira a águia.

Mas, ainda assim, não o abandoneis na sua humildade e obscuridade, senão morrerá à míngua, sentido e magoado, só afagado pelo carinho materno.

Ele semelha a donzela, que não é formosa; porque a natureza negou-lhe as graças feminis, e que por isso não pode encontrar uma afeição pura, que corresponda ao afeto da sua alma; mas que com o pranto de uma dor sincera e viva, que lhe vem dos seios da alma, onde arde em chamas a mais intensa e abrasadora paixão, e que embalde quer recolher para a corução,¹ move ao interesse aquele que a desdenhou e o obriga ao menos a olhá-la com bondade.

Deixai pois que a minha Úrsula, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias de arte, caminhe entre vós.

Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos, para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir coisa melhor ou, quando menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós.

1 Para fazer esta edição, utilizamos a publicação original do livro de Firmina dos Reis, de 1859, uma impressão obtida por fac-símile. Entendemos que existe, aqui, um erro de tipografia, pois não encontramos a palavra *corução* nos dicionários a que recorremos: o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, edição de 2001, o *Novo Dicionário de Cândido de Figueiredo*, edição de 1913, e o *Dicionário de Caldas Aulete*, edição de 1881. Quer-nos parecer que a sentença deveria ser “e que embalde quer recolher para o coração”, isto é, “e que em vão quer recolher para o coração”. Outra possibilidade, cabe ao leitor considerar qual seria a mais plausível, é que a autora quisesse dizer “quer embalde trazer para a coruscação”, isto é, para o brilho, para a visibilidade. [Nota do Editor]

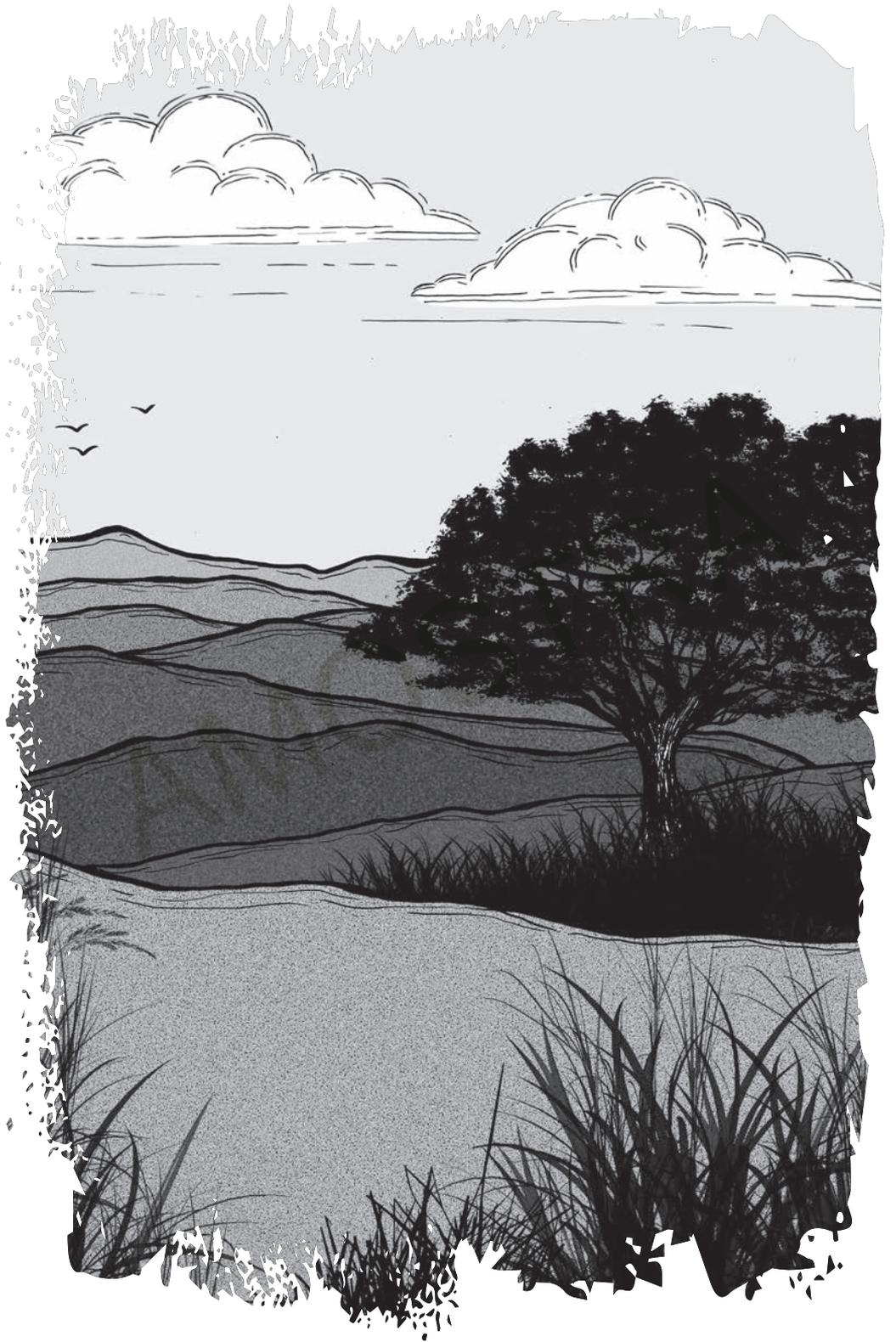
DUAS ALMAS GENEROSAS



SÃO VASTOS E BELOS OS NOSSOS CAMPOS; PORQUE INUNDADOS pelas torrentes do inverno semelham o oceano em bonançosa calma — branco lençol de espuma que não ergue marulhadas ondas, nem brame irado, ameaçando insano quebrar os limites que lhe marcou a onipotente mão do rei da criação. Enrugada ligeiramente a superfície pelo manso correr da viração, frisadas as águas, aqui e ali, pelo volver rápido e fugitivo dos peixinhos que mudamente se afagam, e que depois desaparecem para de novo voltarem — os campos são qual vasto deserto, majestoso e grande como o espaço, sublime como o infinito.

E a sua beleza é amena e doce, e o exíguo esquife, que vai cortando as suas águas hibernais mansas e quedas, e o homem, que sem custo o guia e que sente vaga sensação de melancólico enlevo, desprende com mavioso acento um canto de harmoniosa saudade, despertado pela grandeza dessas águas que sulca.

É às águas e a esses vastíssimos campos que o homem oferece seus cânticos de amor? Não, por certo. Esses hinos, cujos acentos



perdem-se no espaço, são como notas duma harpa eólia, arrancadas pelo roçar da brisa, ou como sussurrar da folhagem em mata espessa. Esses carmes de amor e de saudade, o homem os oferece a Deus.

Depois, mudou-se já a estação; as chuvas desapareceram, e aquele mar, que viste, desapareceu com elas, voltou às nuvens formando as chuvas do seguinte inverno, e o leito, que outrora fora seu, transformou-se em verde e úmido tapete, matizado pelas brilhantes e lindas flores tropicais, cuja fragrância arrouba e só tem por apreciador algum desgarrado viajor, e por afago a brisa que vem conversar com elas no cair da tarde, à hora derradeira do seu triste viver.

E altivas erguem-se milhares de carnaubeiras, que balançadas pelo soprar do vento recurvam seus leques em brandas ondulações.

Expandem-se nos o coração quando calcamos sob os pés a erva reverdecida, onde gota a gota o orvalho chora no correr da noite esse choro algente, que se pendura da folhinha trêmula, como a lágrima de uma virgem sedutora que, arrancada do coração pelo primeiro gemer da saudade, se balança nos longos cílios. Depois vem a ardentia do sol, e bebe o pranto noturno, e murcha a flor, que enfeitiçava a relva, porque o astro, que rege o dia, reassumiu toda a sua soberania; mas ainda assim os campos são belos e majestosos!

E desce depois o crepúsculo, e logo após a noite bela, e voluptuosa recamada de estrelas; ou prateada pela lua vagarosa e plácida que lhe branqueia o tapete de relva, derramando suave claridade pelos leques recurvados dos palmares. Então um vago sentimento de amor, e de uma ventura que muito longe lobrigamos, arrouba-nos a alma de celestes eflúvios, e doce esperança enche-nos o coração, outrora mirrado e frio pela descrença, ou pelo ceticismo.

Quem haverá aí que se não sinta transportado ao lançar a vista por esses vastos páramos ao alvorecer do dia, ou ao arrebol da tarde, e não se deixe levar por um deleitoso cismar, como o que escuta o gemer da onda sobre areais de prata, ou o canto matutino de uma ave melodiosa!... A vista expande-se e deleita-se, e o coração volve-se a Deus, e curva-se em respeitosa veneração, porque aí está Ele.

O campo, o mar, a abóbada celeste ensinam a adorar o supremo Autor da natureza e a bendizer-lhe a mão, porque é generosa, sábia e previdente.

Eu amo a solidão; porque a voz do Senhor aí impera; porque aí despe-se-nos o coração do orgulho da sociedade, que o embota, que o apodrece, e livre dessa vergonhosa cadeia, volve a Deus e o busca — e o encontra, porque com o dom da ubiquidade Ele aí está!

Entretanto, em uma risonha manhã de agosto, em que a natureza era toda galas, em que as flores eram mais belas, em que a vida era mais sedutora — porque toda respirava amor —, em que a erva era mais viçosa e rociada, em que as carnaubeiras, outras tantas atalhias ali dispostas pela natureza, mais altivas, e mais belas se ostentavam, em que o axixá com seus frutos imitando purpúreas estrelas esmaltava a paisagem, um jovem cavaleiro melancólico, e como que exausto de vontade, atravessando porção dum majestoso campo, que se dilata nas planuras de uma das nossas melhores, e mais ricas províncias do Norte, deixava-se levar ao través dele por um alvo e indolente ginete. Longo devia ser o espaço que havia percorrido; porque o pobre animal, desalentado, mal cadenciava os pesados passos.

Abstrato, ou como que mergulhado em penosa e profunda meditação, o cavaleiro prosseguia sem notar a extrema prostração do animal ou então fazia semblante de a não reparar; porque lhe não excitava os nobres estímulos. Dir-se-ia ter já concluído sua longa jornada.

Mas, quem sabe? Talvez uma ideia única, uma recordação pungente, funda, amarga como a desesperação de um amor traído, lhe absorvesse nessa hora todos os pensamentos. Talvez. Porque não havia o menor sinal de que observasse o espetáculo que o circundava.

Que intensa agonia, ou que dor íntima que lhe iria lá pelos abismos da alma? Só Deus sabe.

Prosseguia em tanto a marcha, e sempre abstrato, sempre vagaroso. Curvada a fronte sobre o peito, o mancebo meditava profundamente, e grande, e poderoso devia ser o objeto de seu aturado meditar.

Arfava-lhe o peito, sobre o qual descansava essa fronte acabrunhada, que parecia tão nobre e altiva? Quem o poderia dizer ao certo?

O mancebo ocultava parte de suas formas num amplo capote de lã, cujas dobras apenas descobriam-lhe as mãos cuidadosamente calçadas com luvas de camurça. Numa destas mãos o jovem cavaleiro reclinara a face pálida e melancólica; com a outra frouxamente tomava as rédeas ao seu ginete. Mas este simples traje, este como que abandono de si próprio, não podia arredar do desconhecido certo ar de perfeita distinção que bem dava a conhecer que era ele pessoa da alta sociedade. De repente o cavalo, baldo de vigor, em uma das cavidades onde o terreno se acidentava mais, mal podendo conter-se pelo langor dos seus lassos membros, distendeu as pernas, dilatou o pescoço, e, dando uma volta sobre si, caiu redondamente. O choque era demais violento para não despertar o meditando viajor; quis ainda evitar a queda; mas era tarde, e de envolta com o animal rolou no chão.

Houvera mais que descuido no incerto e indolente viajar desse singular desconhecido; não previa ele um acontecimento fatal nessa divagação de tanto abandono, de tão grande desleixo? E malgrado o langor do cavalo, sempre a prosseguir, cada vez mais submerso em seu melancólico cismar! Caiu, e de um jato perdeu o sentimento da própria vida; porque a queda lhe ofendeu o crânio, e aturdido, e maltratado, desmaiou completamente. Para mais desastre, o pobre animal no último arranco do existir, distendendo as pernas, foi comprimir acerbadamente o pé direito do mancebo, que inerte e imóvel, como se fora frio cadáver, nenhuma resistência lhe opôs.

Era apenas o alvorecer do dia, ainda as aves entoavam seus meigos cantos de arrebatadora melodia, ainda a viração era tênue e mansa, ainda a flor desabrochada apenas não sentira a tépida e vivificadora ação do astro do dia, que sempre amante, mas sempre ingrato, desdenhoso, e cruel afaga-a, bebe-lhe o perfume, e depois deixa-a murchar, a desfolhar-se, sem ao menos dar-lhe uma lágrima de saudade!... Oh! o sol é como o homem maligno e perverso, que bafeja com hálito impuro a donzela desvalida, e foge, e deixa-a entregue à

CRONOLOGIA

11/03/1822 -

Nasce em São Luís, Maranhão. Filha de Leonor Felipa dos Reis, mulher negra alforriada.

O nome do pai, João Pedro Esteves, um homem branco, não consta nos registros oficiais de batismo.

- 1830

Recebe educação formal, fato raro para mulheres e pessoas negras no Brasil do século XIX.

Destaca-se como leitora e autodidata.

1839 -

- 1847

Passa em concurso público para professora de Instrução Primária.

Torna-se a primeira mulher a assumir o cargo no Maranhão. Leciona por mais de 30 anos.

1859 -

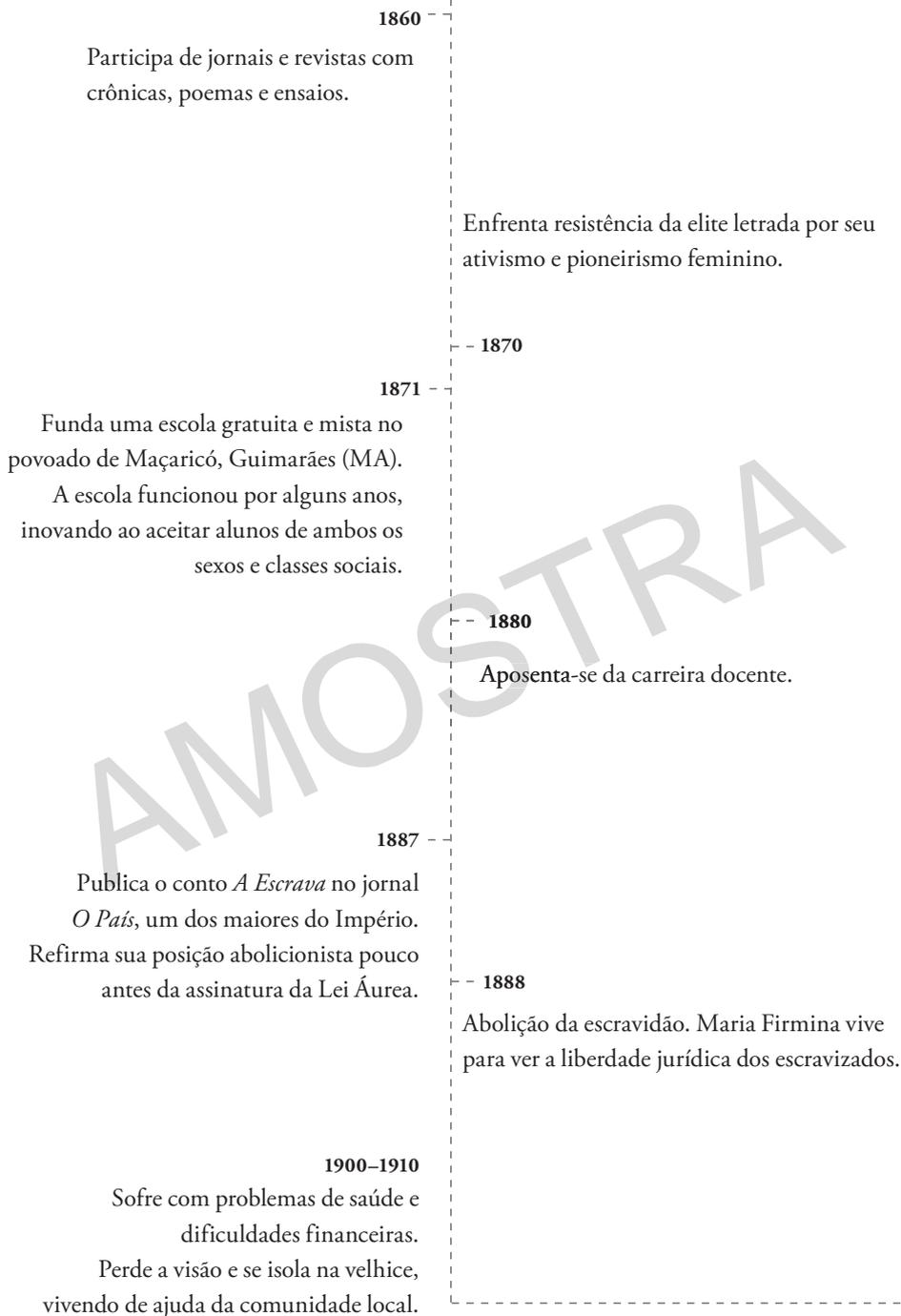
Publica o romance *Úrsula*, sob pseudônimo.

Primeira obra abolicionista da literatura brasileira e primeiro romance de autoria feminina publicado no Brasil.

- 1861

Denuncia a escravidão e o patriarcado. A autoria feminina só foi revelada depois.

Publica *Gupeva*, novela indianista, no jornal maranhense *O Jardim das Maranhenses*.



11/11/1917

Morre em Guimarães, Maranhão, aos 95 anos.
É sepultada sem o devido reconhecimento
em vida.

2000s–hoje

Sua obra é redescoberta por estudiosos
da literatura, do feminismo negro e dos
movimentos sociais.

Reconhecida como pioneira da
literatura afro-brasileira, do feminismo
e do pensamento antiescravagista.

AMOSTRA

AMOSTRA